

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NAS NARRATIVAS DO SUJEITO¹ **TECHNOLOGY INFLUENCE ON SUBJECTIVE NARRATIVES**

Daniella Maria Giuliana Dos Santos², Jassiana Lopes Rodrigues³, Tayla Larissa Tozo⁴, Poliana Konrad Callegaro⁵, Carolina Baldissera Gross⁶

¹ Pesquisa bibliográfica realizada no componente curricular Modelos de Pesquisa em Psicologia do curso de Psicologia da Unijuí

² Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

³ Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

⁴ Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

⁵ Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

⁶ Professora orientadora do curso de Psicologia da Unijuí.

INTRODUÇÃO

A atualidade é permeada pela tecnologia, não conseguimos imaginar nossa vida sem a conexão com a virtualidade. Mas de que modo isso tem modificado nossa forma de se relacionar e até mesmo a forma como nos estruturamos enquanto sujeito? Corremos o risco de formar laços sociais com pessoas do outro lado do mundo, enquanto nos “desconectamos” com quem está fisicamente do nosso lado. A partir desta perspectiva, exploramos o uso da tecnologia e seus efeitos em diferentes etapas da vida.

METODOLOGIA

O trabalho é constituído por um estudo bibliográfico de livros e artigos científicos, que visa à construção de um referencial teórico, sob a óptica da Psicanálise, para o tema da influencia das tecnologias na atualidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tecnologia pode e deve ser usada como uma ferramenta que auxilie e torne mais rica à interação entre pais e filhos, e não que lhes cause uma sensação de abandono. As telas de cristal líquido não devem ocupar o lugar de grande Outro, não sem consequências negativas.

Conforme Julieta Jerusalinsky nos fala sobre o tempo primordial, que seria de 0-3 anos de idade, período fundamental para a constituição psíquica feita pela linguagem: “A linguagem que interessa é aquela que serve para representar aquilo que nos atinge no nosso corpo. E pra isso a gente precisa de uma cena compartilhada com o outro.” (Intoxicações eletrônicas na primeira infância, 2018).

Muitas crianças têm usado os aparelhos eletrônicos como forma de escapar de algo que as perturba na realidade. Nesse período em que a criança começa a se apropriar do próprio corpo ela

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

precisa que o outro a atinja com a linguagem, com as histórias e as experiências do passado. É necessária uma ligação com essa herança simbólica para que a criança não perca as bordas do real e do imaginário. As palavras servem para representar o que lhe acontece, como por exemplo quando a criança cai, se machuca e a mãe exclama “ai, fez dodói!”, para que ela entenda a dor que sente em seu corpo.

“Ler ou ouvir contos pode significar, então, continuar pensando sobre nós mesmo, no momento em que entramos em contato com sentimentos e conflitos difíceis de serem suportados e que, sem esse filtro da narrativa, poderiam paralisar nossa capacidade associativa ou ainda nos causar sintomas.” (Gutfreind, Celso[1], 1963).

Sendo assim, é na formação literária e não no “play” dos aparelhos que nós temos uma das formas mais importantes de constituir um sujeito resiliente, capaz de através das entrelinhas das histórias viver mil vidas e com elas todas as suas experiências e significações.

Outra forma de constituir o sujeito, sob a ótica da Psicanálise, é por meio do brincar que tem sido apontado como algo importante desde Freud, em sua observação do jogo “Fort Da” onde relaciona a repetição e o prazer. Também na leitura de Winnicott (1975 apud PISETTA, 2016, p.3) a criança além de prazer, obtém consciência do próprio corpo.

A elaboração do imaginário da criança fica defasado quando essa recebe tudo pronto pela tela, em seu sistema de comandos fechados – apertando isso acontece aquilo – não dá espaço para a dinâmica que envolve a relação com outro ser humano, onde a resposta não é previsível e é necessário se adaptar e inventar formas de agir. Como Julieta Jerusalinsky (2018) nos ajuda a lembrar, os tempos lógicos de Lacan: ver, compreender e concluir, não acontecem sob o formato de compactação digital atual, é preciso um tempo de elaboração e significação das informações que o sujeito recebe de fora. Algo praticamente condenável nos dias de hoje, onde o imediatismo é exaltado.

A adolescência é uma fase caracterizada, pelo distanciamento de comportamentos típicos da infância e de aquisições de condutas que capacitem o sujeito a assumir papéis e responsabilidades de adulto. Essa transição é marcada por três grandes perdas segundo Arminda Aberastury “[...] luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação dos pais de infância”. (ABERASTURY, 1983 apud OLIVEIRA, 2017, p. 3). Assim, para que seja alcançada a maturidade se faz necessário à elaboração dessas perdas, que é geralmente marcada por vivências de desequilíbrios e instabilidades.

Sabemos que a adolescência envolve um tempo de grandes mudanças, mas como podemos relaciona-la com a era digital? Primeiramente podemos destacar que a era digital traz um rompimento nas noções de tempo e espaço, assim segundo Lèvy (1996, apud OLIVEIRA, 2017, p.7), a virtualização promove um “efeito Moebius”, em que os limites perdem a definição e os espaços e tempos se confundem, o que promove além de uma perda da noção histórica, ainda mais

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

o imediatismo e a impaciência em relação às esperas, que são típicas da adolescência.

A questão de que para o adolescente tudo é urgente, mas que também, tudo pode ser deixado para depois, se acentua ainda mais com as novas tecnologias. Porquanto, a negação do tempo pode se colocar como uma defesa, no sentido em que, quando se coloca a dificuldade de discriminar passado, presente e futuro, o impasse em que o mesmo se vê frente a “decidir” ser adulto ou criança, não se torna digno de resposta.

Assim, a superação da negação temporal e o uso excessivo da tecnologia, devem ser algumas das condições necessárias na passagem da adolescência, pois “Poder conceituar o tempo, vivenciá-lo como nexos de união, é o essencial, subjacente à integração da identidade”. (ABERASTURY; KNOBEL, 1992 apud OLIVEIRA, 2017, p. 3).

Outra relação que podemos fazer é referente à falsa impressão de proteção frente à solidão e o desamparo que a tecnologia proporciona as pessoas, uma vez que estas, por meio das redes sociais, são acompanhadas a todo instante por uma rede de amigos online, o que proporciona uma impressão de escuta. Em vista disso, a necessidade de estar a todo o momento conectado gera segundo Oliveira (2017), um medo que ameaça o sujeito em sua identidade e na percepção de si, quando se é necessário fazer uma desconexão desses meios, por isso esse desligamento tende a ser evitado.

De acordo com Oliveira (2017), o uso abusivo da tecnologia adquire característica de compulsão, podendo ser nomeado como Transtorno de Dependência de Internet (TDI), em que estar conectado se transforma em uma condição necessária as pessoas. O TDI se reflete também nos ambientes de trabalho, em que aquela “espiadinha” no celular resulta na redução da produtividade, além de fazer com que as pessoas percam a atenção potencializando os riscos de graves acidentes.

Os vínculos afetivos estão extremamente fragilizados devido ao TDI, o que segundo Zygmunt Bauman (2004) podemos nomear como “amor líquido”, uma vez que esta cada vez mais comum os relacionamentos virtuais, estes que são de forma fácil entrar e sair pois “Sempre se pode apertar a tecla de deletar.” (BAUMAN, 2004, p. 13).

Esses relacionamentos virtuais acontecem por meio de uma venda de imagem, tanto da beleza quanto da falsa felicidade contínua, para atrair o outro que precisa ser satisfeito. Conforme Nicarréta: “A busca do olhar do outro na rede social sugere uma semelhança à busca da criança pelo olhar da mãe, uma busca pelo olhar perdido da mãe, em que para Lacan, o eu é sempre essa construção imaginária, associada ao que ele define como estádio do espelho.” (NICARRETA, 2017, p. 2).

Dessa forma, o corpo que é exposto na rede social e refletido nas telas de computadores e celulares, poderia ser comparado como um espelho que reflete uma imagem ideal, imagem essa que segundo Nicarréta (2017) é uma imagem já perdida no momento de transição da criança no estádio do espelho. O que se revela com base nisso é a existência de uma fantasia de completude,

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

a partir do maior número de visualizações das postagens, o que é entendido pelo sujeito como sendo olhares de reconhecimento.

Segundo Nasio, “[...] meu desejo é, literalmente, o desejo do outro” (1995 apud NICARRETA, 2017, p.3). Assim, o que o usuário parece fazer ao postar uma foto nas redes sociais é buscar o olhar de aprovação do outro para validar o seu próprio desejo, na tentativa de preencher a falta que o constitui. Contudo, sabemos que essa falta nunca poderá ser suprida totalmente, segundo Lacan “A imagem que o espelho reflete é sempre incompleta. O eu é sempre uma construção ilusória” ([1949] 1996 apud NICARRETA, 2017, p.3).

Diante desses tempos - infância, adolescência e vida adulta - notamos que a formação literária possibilita para o sujeito um enriquecimento das suas narrativas, fazendo com que ele veja a relação dos acontecimentos e a forma como internalizou tais experiências, passando de um estado de passividade causado pela alienação tecnológica para protagonismo da sua história.

CONCLUSÃO

O trabalho propôs uma reflexão desde a infância até a vida adulta no envolvimento com a virtualidade. A fragmentação do sujeito e sua perda de referencial de tempo-espaço e a incapacidade de elaborar narrativas para compreender situações do real são alguns dos problemas que levantamos. Algumas soluções para essas questões seriam o uso moderado das novas tecnologias, uma aproximação maior com a linguagem literária e uma interação com o outro fora do ambiente virtual. Como a tendência é que as tecnologias sempre evoluam e tomem novos formatos fica em aberto quais ferramentas poderemos usar para que a mesma não seja nociva para o sujeito.

Palavras-chaves: Virtualidade, redes sociais, psicanálise, infância, adolescência, adultez

Keywords: Virtuality, social media, psychoanalysis, childhood, adolescence, adulthood

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAFÉ FILOSÓFICO. Intoxicações eletrônicas na primeira infância - Julieta Jerusalinsky, 2018. Disponível em: . Acesso em: 23/03/2019.

GUTFREIND, C. O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança. Rio de Janeiro: Artes e Ofícios, 2010.

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

LACAN, J. Escritos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

NICARETTA, Fernanda. Pretto, Bernardete. Facebook e a era da visibilidade: algumas composições com a psicanálise, 2017. Disponível em: < <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-71291>>. Acesso em: 24/03/2019.

OLIVEIRA, Eloiza Silva Gomes. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação, 2017. Disponível em: . Acesso em: 31/03/2019.

PISETTA, Maria A. A. de Mello. Sujeito, objeto e linguagem no brincar, 2016. Disponível em: . Acesso em: 24/03/2019

VERZONI, ANDRÉ. Lisboa, Carolina. Formas de subjetivação contemporâneas e as especificidades da geração Y, 2015. Disponível em: < <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-2677>>. Acesso em: 24/03/2019.

[1] No livro O terapeuta e o lobo, Gutfreind defende a tese de que é possível buscar a saúde mental das crianças, propiciando-lhes a simbolização de suas dores através do desenvolvimento da capacidade de imaginar. Mais que isso, defende que todas as crianças, no contato com os contos infantis, ganham espaço para simbolizar as separações que a vida vai lhes impondo.